

**PARA UMA PROPOSTA METODOLÓGICA
DAS REGRAS DE USO DO HÍFEN
SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO
DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Paula Curty Werneck (UFF)
pwerneck22@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho terá como foco a nova ortografia da língua portuguesa proposta pelo Acordo de 1990 entre os países signatários de língua lusófona². O ponto de vista sobre o qual nos assentaremos será o do ensino da ortografia em relação ao uso do hífen.

Para focalizar o ensino e a aprendizagem da ortografia da língua portuguesa em relação ao uso do hífen, optamos neste trabalho pela metodologia de ensino de Silva (2007), “*metodologia das estratégias mnemônicas*” – passos-guia para conduzir o leitor em seus estudos e levá-lo a retenção do conteúdo estudado – e também adotamos a postura organizacional de conteúdo do mesmo autor – a atitude molar – que propõe uma forma organização de conteúdos que privilegia a capacidade de raciocinar do usuário/ leitor da língua portuguesa para que este ao relacionar os conteúdos, neste caso o emprego do hífen, possa categorizá-los e com isso retê-los e não simplesmente memorizá-los.

Essa metodologia de organização de conteúdos de Silva (2009b) será o princípio norteador deste trabalho. Enquanto o texto do Acordo faz uma distribuição elementar, “explosiva”, “gasosa”, das regras de uso do hífen, não estabelecendo uma relação entre os itens da questão, a proposta de Silva tem o objetivo didático-pedagógico de reorganizar esse conteúdo de forma categorial, imple-

² Os países signatários da língua portuguesa e que fazem parte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) são: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. Timor-Leste viria a assinar o documento em 2004, depois de sua independência.

siva e líquida, como explicaremos ao longo do trabalho. O objetivo dessa organização é levar o aluno a reter o que estuda.

Iniciaremos então este estudo observando para tanto a trajetória das tentativas de unificação da ortografia entre os países lusófonos da língua portuguesa, sendo sempre os protagonistas desta história Portugal e Brasil.

1. A diferença entre o tratamento molar e molecular do acordo ortográfico da língua portuguesa quanto às regras de uso do hífen

1.1. A origem mitológica do hífen.

Grapho, o deus da grafia, percebeu que poderia juntar duas palavras sem elementos de ligação e formar uma terceira com o sentido diferente das que se juntaram. Percebeu que, se conseguisse esse feito, promoveria muita economia linguística. Pois não precisaria criar uma palavra totalmente nova para designar as coisas do mundo, bastava juntar duas que já existiam na língua para formar essa terceira. Passeando pelo jardim encantado de seu templo, viu um pássaro que encostava seu delicado biquinho nas flores e depois saía voando para outra numa dança veloz e agitada. Pensou: “parece que aquele passarinho está beijando as flores, vou nomeá-lo de beija flor.” Olhou para palavra e sentiu, no entanto, que ela mais parecia uma frase. Faltava alguma coisa em sua grafia para ela parecer um vocábulo que se referisse ao passarinho. Tentou usar uma barra entre elas, assim a grafou beija/flor. Mas ao olhá-la, ela não lhe parecia uma palavra única, na verdade, pareceu-lhe duas, a barra ao invés de unir, causou-lhe a sensação de que estava separando e não designaria o nome do agitado passarinho.

Tentou uma vírgula, o mesmo se deu, pareceu-lhe uma minilista de duas palavras: beija, flor. Sem perceber, seu inseparável lápis escorrega de sua mão e grafa um tracinho acidentalmente entre beija e flor. A palavra ficou assim beija-flor. Percebeu que ali estava a solução, aquele traço ao invés de separar dava a ideia de junção, como se as duas palavras agora fossem um corpo só. Que nome daria a esse tracinho. Lembrou-se que, em grego, existia uma palavra que queria dizer: juntos em um só corpo. Sabe qual era essa palavra? Hífen. Daquele dia em diante, Graphos fez muita economia linguística usando um hífen. Pois através dele construiu um só corpo juntando duas palavras, Saiu hifenizando para tornar um só corpo muitas palavras: tenente-coronel, seu-vizinho, rainha-cláudia etc. (SILVA, 2010)

O presente capítulo abordará as bases XV, XVI e XVII do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (AOLP - 1990), que en-

trou em vigor a partir de 1º de janeiro de 2009 e que está em trâmite até 31 de dezembro de 2012, para a sua efetiva aplicação em 2013, conforme o Decreto Legislativo nº 54, de 1995.

Dentre os vários assuntos abordados no AOLP foi selecionado um dos que consideramos de maior relevância ao ensino da Língua Portuguesa, o emprego do *hífen*; pois este diacrítico³ apresenta um grau de dificuldade bem grande quanto à sistematização e consequente retenção e, por conta disto, gera inúmeras dúvidas quanto ao seu emprego.

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990) foi criado para fortalecer o sentimento de unidade do idioma em sua manifestação gráfica nos países de língua portuguesa, mas ao mesmo tempo em alguns aspectos procurou manter algumas idiossincrasias de cada país. Isso se percebe claramente no próprio texto anexo ao Acordo de 1990, na nota explicativa, por exemplo, dos casos de dupla grafia (Base IV, §1º c, d, e §2º) em que salienta que as divergências existem e que é inevitável mantê-las:

Sendo a pronúncia um dos critérios em que assenta a ortografia da língua portuguesa, é inevitável que se aceitem grafias duplas naqueles casos em que existem divergências de articulação quanto às referidas consoantes “c” e “p” e ainda em outros casos de menor significado.

Novamente alguns exemplos de idiossincrasias relativas às pronúncias dos países lusófonos:

Em algumas (poucas) palavras oxítonas terminadas em – e tônico/tônico, geralmente provenientes do francês, esta vogal, por ser articulada nas pronúncias cultas ora como aberta, ora como fechada, admite tanto o acento agudo como o acento circunflexo: bebê ou bebê, bidé ou bidê, canapé ou canapê, caraté ou caratê, croché ou crochê, guiché ou guichê, matiné ou matinê, nenê ou nenê, ponjê ou ponjê, purê ou purê, rapê ou rapê.

³ Segundo Câmara JR. (2007), em seu *Dicionário de Linguística e Gramática*, diacríticos são sinais gráficos que conferem às letras ou grupos de letras um valor fonológico especial. Em português são tradicionalmente usados como diacríticos: a) os acentos agudos, grave, circunflexo para assinalar a tonicidade ou timbre das vogais; b) o TREMA, para indicar que o -u- não é letra muda depois de q- ou g- seguidos de vogal anterior; c) o TIL, para o valor nasal do –a final ou de um ditongo; d) o apóstrofo para impor a elisão; e) o HIFEN, para a justaposição, de acordo com certas regras ortográficas.

O mesmo se verifica com formas como cocó e cocô, ró (letra di alfabeto grego) e rô. São igualmente admitidas formas como judô, a par de judô, e metrô, a par de metro. (Base VIII § 1º obs.)⁴

Feita as observações acima sobre a manutenção de algumas idiossincrasias gráficas de cada país, voltemos a falar do objetivo principal deste estudo, que consiste em tornar os itens que aqui serão abordados em relação ao uso do hífen, mais claros, acessíveis e rentáveis aos usuários em geral da língua portuguesa, professores de língua portuguesa e também aos estudiosos da língua, através da apresentação da metodologia didático-pedagógica de Silva (2009b) sobre o que o autor vem denominando de atitude molar e atitude molecular de organização dos conteúdos em geral. Encaminharemos também algumas reflexões sobre as consequências da adoção dessas atitudes no ensino da língua portuguesa.

Silva (2009b) propõe essas nomenclaturas, *molar e molecular*, em sentido metafórico para tentar explicar de maneira comparativa essas organizações de conteúdo. Especificadamente, neste trabalho, adotaremos tal metodologia, com relação ao uso do hífen no AOLP. Sobre as analogias utilizadas por Silva (2009b) no referido texto, antes de sermos questionados gostaríamos de comentar que as figuras de linguagem – metáforas⁵, metonímias, comparações etc. – fazem parte da construção científica do significado. Como diz Neves (1997, p. 133): *A metáfora não constitui, portanto, desvios de linguagem, mas sim um mecanismo conceptual: “sua função primária é a conceptualização de uma coisa pela outra”*.

E ainda, segundo Zanotto et al. (2002):

(...) a metáfora é vista como uma operação cognitiva fundamental, constitutiva da linguagem e do pensamento. Portanto, sua interpretação demanda uma atenção especial envolvendo o desenvolvimento do raciocínio analógico e a capacidade interpretativa das pessoas.

⁴ É interessante estar atento para o fato de que isto não é uma diferença ortográfica, mas uma diferença fonética, pois a regra de acentuação gráfica dessas palavras se mantém. [NE]

⁵ Segundo Câmara Jr. (2007, p. 205), *Metáfora é figura de linguagem (v.), que consiste na transferência (gr. metaphora) de um termo para um âmbito de significação que não é o seu (...). A metáfora tem uma função expressiva, que é pôr em destaque aspectos que o termo próprio não é capaz de evocar por si mesmo (...).*

Feitas as considerações sobre a linguagem figurada, em especial, as metáforas, voltemos ao artigo de Silva (2009b). Nele o autor define primariamente o que se entende por essas palavras: *molar* e *molecular*, então vinculadas, respectivamente, à ideia de mola, de elasticidade, ou seja, esticar e contrair, e de molécula, no sentido de mínimo, de único, de individual. Partindo dessas relações, se estabelecem assim a comparação metafórica entre a *atitude molar* e a *atitude molecular* de organização de conteúdos.

As atitudes organizacionais de conteúdos se apresentam de maneiras bem distintas, a primeira, a molar, é bem holística, busca o entendimento integral dos fenômenos, e, justamente por categorizar, relaciona significativamente e agrupa os conteúdos entre si, colocando um próximo ao outro para facilitar a retenção, a memorização⁶, organização que buscaremos aplicar no presente estudo. A segunda organização, a molecular, é de compleição atomizada, cheias de mínúcias extremas, de grande extensão, ou seja, constitui-se de textos longos, o que exige além de muita memorização – que é passível de falhas – muito tempo para o processamento textual. Torna-se exaustiva, sem contar que isso causa a sensação de insegurança e aquela impressão de impossibilidade de “*dar conta*” de todo o conteúdo.

O AOLP, não diferente das gramáticas normativas, organiza todo o seu conteúdo de acordo com a segunda atitude, a *molecular*. Analogicamente, o efeito que a organização molecular do AOLP (1990) causa nos usuários da língua portuguesa pode ser comparado, metaforicamente, a uma “*explosão de conteúdos*”, em que regras e exceções se misturam sem estabelecer relações intrínsecas entre as partes descritas.

Para os usuários da língua a *implementação* do AOLP (1990) veio desarrumar o conteúdo ortográfico que já estava arrumado nas grandes prateleiras das gramáticas, e, até 2012, terão os usuários da língua escrita que buscar novamente essa arrumação através do estudo desse conteúdo que, ilusoriamente, já estava entendido.

⁶ Estratégias Mnemônicas – constituem sete estratégias para guiar a leitura das gramáticas com o objetivo de obter a retenção mnemônica de conteúdos. In: SILVA, Maurício da. O fio da meada: acentuação gráfica; hífen; vírgula; crase. Intertexto: Niterói, 2007.

Um dos problemas com que o usuário da língua se defrontará é justamente a forma com que as informações no texto oficial do AOLP (1990) estão organizadas. Como já dissemos, é uma forma muito extensa e com acúmulo de informações que causa a sensação de que o assunto foi dinamitado e se espraia para várias direções. Isso gera a impressão de que o conteúdo a ser aprendido é inacessível ao leitor comum. Ele terá que metaforicamente falando, “*juntar os pedacinhos*” que ficaram espalhados por toda parte.

E é justamente esse “*juntar esses pedacinhos*”, na tentativa de construir um todo coerente – reduzir para reter, segundo Silva (2007) – a que nos dispomos executar através da *atitude molar* de organizar conteúdos, no caso em estudo, o emprego do hífen.

1.2. Uma relação entre “atitude molar X atitude molecular” e as “estratégias mnemônicas”

Primeiramente, pode-se entender por *atitude molar* aquela que visa focar as informações mais importantes do texto em estudo.

Mas, ao se deparar com o texto do AOLP (1990), percebe-se que este se constitui de forma MOLECULARIZADA, ou seja, com um conteúdo muito vasto e confuso, e que, além disso, não mantém relações coerentes de organização uma vez que aborda separadamente casos afins de hifenização, sem necessidade, deixando o *texto aracnídeo*⁷.

Dessa forma, assumir uma *atitude molar* significa relacionar e condensar os conteúdos para a sua melhor assimilação e aplicação. Acreditamos que essa proposta seja muito mais *rentável* que a *atu-*

⁷ Algumas expressões, metáforas e figuras de linguagem de que nos servimos no texto, como por exemplo, “texto aracnídeo”, provêm das aulas proferidas na Universidade Federal Fluminense pelo Prof. Dr. Maurício da Silva a fim de que possamos relacionar o que estudamos com o nosso conhecimento de mundo e, com essa inter-relação, facilitar a apreensão e retenção do conteúdo estudado. Com relação a expressão “texto aracnídeo”, Silva (2007) refere-se aos textos que como as pernas das aranhas se estendem pelas laterais causando uma ideia de difusão incontrolada.

de molecular de organização dos conteúdos⁸. O ensino de Língua Portuguesa a partir dessa perspectiva *molecularizada*, se torna desinteressante e enfadonho, uma vez que o falante da língua é exposto a um sem-número de informações desconexas e *atomísticas*.

Para organizar esse conteúdo *molecularizado*, nos valem da metodologia das *Estratégias Mnemônicas*, criada por Silva (2007), para *molarizar* o texto do Acordo (1990), quanto ao uso do HÍFEN.

As *estratégias mnemônicas* são sete: *a motivação; a inclusão; a universalização; a exclusão; a discriminação; a fundação; e a sucata mnemônica*⁹. e, segundo o próprio autor:

Na verdade, essas estratégias se constituem de 7 (sete) passos para guiar a leitura das gramáticas com o objetivo de fazer com que o estudante possa caminhar com mais desenvoltura em seus estudos e reter um pouco mais o que vem estudando ao longo dos anos escolares. (SILVA, 2007, p.11-12)

Vejamos então, diante desses sete passos, como agiria um usuário/ leitor da língua portuguesa que adotasse a *atitude molar* ao se deparar com as bases XV, XVI e XVII, do texto do Acordo (1990), que tratam das regras do uso do hífen, assim como este está escrito?

Para facilitar a visualização dos sete passos criados por SILVA (2007), a cada vez que introduzirmos um passo o colocaremos em negrito como subtítulo.

Passo – guia 1: MOTIVAÇÃO

Antes de qualquer coisa procuraria a motivação do uso do preceito. O que é a motivação? Segundo Silva (2007, p.12), “*MOTIVAÇÃO: é a procura do princípio MOTIVADOR das regras, a razão que costuma claramente ser posta pelos autores para a instituição do preceito, da convenção.*” Ao buscar a motivação, o leitor a encontraria no seguinte trecho do Acordo (1990):

⁸ Essa afirmativa é fundamentada pela vivência da prática desta metodologia aplicada nas aulas do Prof. Maurício da Silva, ao longo de dois anos, participando de créditos avulsos e da disciplina inscrita do presente curso de Mestrado, na UFF.

⁹ Segundo o próprio autor, *nem sempre se aplicam as 7 (sete) estratégias, tudo vai depender do assunto a ser estudado. No entanto é bom levá-las em conta.* (SILVA, 2007, p. 12)

DO HÍFEN NOS COMPOSTOS, LOCUÇÕES E ENCADEAMENTOS VOCABULARES 1º) Emprega-se o hífen nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio, podendo dar-se o caso de o primeiro elemento estar reduzido: ano-luz, arcebispo-bispo, arco-íris, decreto-lei, és-sueste, médico-cirurgião, rainha-cláudia, tenente-coronel, tio-avô, turma-piloto; alcaide-mor, amor-perfeito, guarda-noturno, mato-grossense, norte-americano, porto-alegrense, sul-africano; afro-asiático, afro-luso-brasileiro, azul-escuro, luso-brasileiro, primeiro-ministro, primeiro-sargento, primo-infecção, segunda-feira; conta-gotas, finca-pé, guarda-chuva.

Diante do trecho acima, podemos refletir sobre a seguinte indagação: para que usamos o hífen ao separar certas palavras? Há algum motivo especial? Certamente, e de acordo com Silva (2009a, p. 35),

O motivo do uso do hífen é mostrar que cada elemento dos compostos deve ser pronunciado na íntegra: cada um mantém o seu acento próprio. Ao ser pronunciado na íntegra o significado do prefixo e da segunda palavra é mantido.

Que no texto do Acordo, propriamente dito, aparece numa linguagem cheia de rótulos metalinguísticos – *natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, unidade sintagmática e semântica*, mantêm acento próprio – que dificultam a leitura para o cidadão comum.

Continuando ainda na busca pela motivação do uso do preceito, Silva (2009) defende a tese de que há uma espécie de sociologia da língua, em que às marcas gráficas da língua escrita – acentos, hífen, vírgulas – correspondem às marcas sociais que reforçam e alimentam as características excludentes e excepcionais dessa sociedade. Assim, sempre que na palavra existir alguma marca gráfica é para destacar que aquela palavra porta algum *traço excepcional*, como por exemplo, um gesso no braço de uma pessoa, que marca que ela sofreu uma fratura num osso do braço. A marca gráfica, ou seja, os diacríticos são para marcar algum desvio, no caso do hífen, para marcar a manutenção do acento próprio de cada elemento do com-

posto por justaposição¹⁰, assim temos a primeira motivação do hífen, a *motivação gráfico-fonética*.

Outra motivação do uso do hífen é o que Silva (2009a) denomina de *motivação gráfico-semântica*, uma vez que semanticamente os sentidos das palavras que se juntaram não continuam os mesmos, forma-se uma nova palavra com a junção daquelas e assim um sentido novo. Essas palavras que assim se formam são chamadas compostos por excelência. Podemos tomar como exemplo, a palavra rainha-cláudia, esta já não tem o sentido de rainha, pois não se trata de uma rainha – a mulher soberana de um reino ou a esposa do rei –, e também não se refere ao nome feminino Cláudia. A palavra rainha-cláudia, segundo Houaiss (2009), significa uma variedade de ameixa. Esses tipos de palavra são chamados de “*compostos por excelência*”, pois “*designam uma terceira palavra com significado diferente daquelas que a formaram*” (SILVA, 2009a, p. 37). A maior prova da “*excelência*” desses compostos é o fato deles poderem ser representados imageticamente.

Passo – guia 2: INCLUSÃO

Depois de explicar a motivação gráfico-semântica, Silva (2007) apresenta uma nova estratégia denominada Inclusão. A Inclusão é um princípio estratégico que visa *a procura do que pode ser posto num mesmo conjunto*. – *Encontrar o que se pode por num mesmo conjunto significa dizer que está se usando a MESMA REGRA*. (SILVA, 2007, p.12) – Utilizar a mesma regra significa ter percebido a relação entre os itens e conseqüentemente ter menos um item a ser retido. Dessa forma, podemos estabelecer o “*regrão*”, nele incluímos os compostos por excelência, mencionados acima, como por exemplo, beija-flor e seu derivado, beija-florzinho; tenente-coronel e sua abreviatura Ten.-cel.

Passo – guia 3: UNIVERSALIZAÇÃO

Procuradas as motivações *gráfico-fonética* e *gráfico-semântica* e uma mesma regra – que aqui consideramos como “*re-*

¹⁰ Segundo Câmara Jr. (2007), *justaposição, diz-se da reunião de duas formas linguísticas num vocábulo mórfico (v.), quando, ao contrário da aglutinação (v.), cada forma se conserva como um vocábulo fonético distinto, em virtude da pauta acentual; ex: pré-histórico, guarda-chuva.*

grão” – para incluir o que aparentemente está distante, o usuário de atitude molar procuraria agora os casos em que o hífen é *sempre* utilizado. Com este princípio, “*hífen sempre*”, temos a estratégia mnemônica da *Universalização, a procura do que se aplica a TODOS os preceitos ou itens em questão* (SILVA, 2007, p.12).

Analisando o texto do Acordo e buscando nele os casos em que o hífen é sempre usado, percebemos que essas regras encontram-se espalhadas ao longo de todo texto, o que dificulta a percepção desse fenômeno: o hífen é sempre usado. Assim, no texto do Acordo de 1990, as regras se encontram:

- a) Base XV § 4º (quanto ao advérbio *bem*);
- b) Base XV § 5º (quanto aos *elementos: além, aquém, recém e sem*);
- c) Base XVI, §1º alínea *e* (quanto ao uso dos prefixos: *ex-* (*com o sentido de estado anterior ou cessamento*), *sota-*, *soto-*, *vice-* e *vizo*);
- d) Base XVI §1º alínea *f* (quanto aos *prefixos tônicos acentuados graficamente pós-, pré- e pró*);
- e) Base XVI §3º (quanto aos sufixos de origem tupi-guarani – quando o primeiro elemento termina em vogal acentuada graficamente).

Já em Silva (2009a, p.44), o fato de o hífen ser sempre usado – “*universalização*” – aparece num grupo organizado sobre o título “UNIVERSALIZAÇÃO: hífen SEMPRE”, essa organização tem como intuito principal facilitar a aprendizagem do aluno.

UNIVERSALIZAÇÃO: hífen SEMPRE; a) *sem-*, *além-*, *aquém-*, *recém-*, *bem-*: ex. *sem-teto*, *recém-nascido*, *bem-vindo*; b) *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*, *ex-*: ex. *sota-piloto*, *sota-ministro*, *vice-reitor*, *ex-esposa*. c) *pré-*, *pós-*, *pró-* (tônicos abertos): ex. *pré-vestibular*, *pós-graduação*, *pró-natureza*. d) *-açu*, *-guaçu* (=grande), *-mirim* (=pequeno): ex. *anajá-guaçu*, *anajá-açu*, *Ceará-Mirim*. (SILVA, 2009, p. 44)

Passo – guia 4: EXCLUSÃO

Até aqui, seguindo as estratégias mnemônicas, o usuário/ leitor da língua portuguesa buscou as motivações do uso do preceito – *motivações gráfico-fonética e gráfico-semântica* –, incluiu numa

mesma regra casos afins – “*regrão*” – e levantou outros casos em que o uso do hífen é uma constante – “*universalização*”. Agora, este mesmo usuário da língua portuguesa de atitude molar procuraria fazer um levantamento ao contrário do primeiro (levantamento dos casos em que sempre se usa o hífen). Ele faria um levantamento de exemplos em que *nunca* o hífen é usado. Como faria isso? Listando um grande número de exemplos dos prefixos citados no texto do Acordo (1990), Base XVI, §1º, e verificando nesta listagem os casos em que *nunca* se emprega o hífen. Vejamos então a listagem dos prefixos citados na Base XVI, § 1º do Acordo de 1990:

1º) Nas formações com prefixos (como, por exemplo: *ante-, anti-, circum-, co-, contra-, entre-, extra-, hiper-, infra-, intra-, pós-, pré-, pró-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-* etc.) e em formações por recomposição, isto é, com elementos não autônomos ou falsos prefixos de origem grega e latina (tais como: *aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-, geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, proto-, pseudo-, retro-, semi-, tele-* etc.)(...) (Grifo nosso)

Feita a listagem, agora temos que “*detectar*” as palavras em que *nunca se emprega o hífen* e que não se incluem nos três casos das estratégias mnemônicas já citadas: o REGRÃO – “motivações gráfico-fonética” e “gráfico-semântica” –, a INCLUSÃO e a UNIVERSALIZAÇÃO.

Para começar a coletar as palavras que nunca empregamos o hífen lançamos mão do próprio texto do Acordo (1990), na primeira observação da Base XVI, §1º que já nos dá uma dica: *não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos des- e in- e nas quais o segundo elemento perdeu o h inicial: desumano, desumidificar, inábil, inumano etc.* Então, as palavras com esses prefixos, já sabemos que não levam o hífen, grafa-se junto.

Para ilustrar melhor, selecionamos do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009) vários exemplos e escolhemos aleatoriamente três dos prefixos citados pela listagem da base XVI, §1º: *anti-, extra- e semi-*. Analisemos a amostragem infracitada.

Palavras com o prefixo *anti-*: *antiginástica, antigravidade, antigripal, anti-hemorrágico, anti-herói, anti-higiênico, anti-ibérico, anti-inflamatório, antijurídico, antiliberal, antimatéria, antimoda, antinacionalismo, antinupeial, antiofídico, antipacifista, antipapa, anti-*

pedagógico, antirrábico, antirreligioso, antissatélite, **antitabaco**, anti-utopia, **antiveneno**, **antivírus** etc.

Palavras com prefixo extra-: extra-abdominal, extra-alcance, **extracelular**, **extraclasse**, **extraconjugal**, **extradorso /ô/**, extraembrionário, extraescolar, **extrafino**, **extragenital**, extra-humano, **extrajudicial**, **extralinguístico**, **extramatrimonial**, **extranatural**, extraoficial, **extraprograma**, extrarregulamentar, extrassensível, **extrateto**, **extratextual**, **extraveicular** etc.

E palavras com o prefixo semi-: semiaberto, semiacabado, **semibranco**, **semibruto**, **semicerrado**, **semicírculo**, **semidestruído**, **semideus**, semieixo, semiespecializado, **semifavor /ô/**, **semifusa**, **semiglobuloso /ô/**, semi-infantil, semi-interno, **semilevantar**, **semilitúrgico**, **semimanufaturado**, **semimorto /ô/**, **seminatural**, **seminu**, semioficial, **semipermeável**, **semiplano**, **semiquímico**, semirracional, semissintético, **semitonar**, **semivogal** etc.

Analisando então as palavras referentes aos prefixos anti-, extra-, e semi-, citados na base XVI, § 1º do Acordo (1990) recolhidas do dicionário HOUAISS (2009), pudemos perceber na amostragem que quando o segundo elemento não é VOGAL, H, R ou S, tais as palavras grafam-se junto, ou seja, *não se emprega o hífen* como em: anti**G**inástica, anti**G**ravidade, anti**G**ripal, anti**J**urídico, anti**L**iberal, anti**M**atéria, anti**M**oda, anti**N**acionalismo, anti**N**upcial, anti**P**acifista, anti**P**apa, anti**P**edagógico, anti**T**abaco, anti**V**eneno, anti**V**írus; extra**C**elular, extra**C**lasse, extra**C**onjugal, extra**D**orso /ô/, extra**F**ino, extra**G**enital, extra**J**udicial, extra**L**inguístico, extra**M**atrimonial, extra**N**atural, extra**P**rograma, extra**T**eto, extra**T**extual, extra**V**eicular; semi**B**ranco, semi**B**ruto, semi**C**errado, semi**C**írculo, semi**D**estruído, semi**D**eus, semi**F**avor /ô/, semi**F**usa, semi**G**lobuloso /ô/, semi**L**evantar, semi**L**itúrgico, semi**M**anufaturado, semi**M**orto /ô/, semi**N**atural, semi**N**u, semi**P**ermeável, semi**P**lano, semi**Q**uímico, semi**T**onar, semi**V**ogal etc.¹¹

Prosseguimos nossa pesquisa, ainda por amostragem, com os sete seguintes prefixos: auto-; intra-; mini-; multi-; retro-; sub-; su-

¹¹ Grifo Nosso – Utilizamos o grifo – negrito e caixa alta – nas palavras para destacar a *zona de atrito*, o ponto de encontro das palavras, pois é nessa região que temos de nos atentar ao analisarmos o emprego ou não do hífen.

pra-. Novamente recorreremos ao citado dicionário e procuramos palavras em que o segundo elemento do composto não fosse nem VOGAL, nem H, nem R, nem S. A lista de palavras por nós levantadas encontra-se reproduzida abaixo com destaque especial em negrito, sublinhado e caixa-alta, para a letra (fonema) inicial do segundo elemento do composto.

Palavras com o prefixo auto-: autoBiografia, autoCapa, auto-Carro, autoClínica, autoConfiança, autoDefesa, autoFecundação, auto-Financiamento, autoGamia, autoGrafar, autoLimpante, autoMedicção, autoPeça, autoTransformação, autoVia, autoZigoto, etc.

Palavras com o prefixo intra-: intraCelular, intraDorso, intra-Fegável, intraMarginal, intraMuscular, intraNasal, intraPulmonar, intraTextual, intraVenoso, etc.

Palavras com o prefixo mini-: miniBar, miniBiblioteca mini-Casaco, miniComputador, miniConto, miniDicionário, miniFundiário, miniGolfe, miniJardim, miniMantô, miniQadro, miniVestido, etc.

Palavras com o prefixo multi-: multiBilionário, multiCanal, multiCapsular, multiDisciplinar, multiFace, multiFamiliar, multiFocal, multiGrafar, multiLateral, multiLinguista, multiMilenar, multi-Nacional, multiPolar, multiValente etc.

Palavras com o prefixo retro-: retroCarga, retroCeder, retro-Difusão, retroFlexo, retroGraduação, retroPosição, retroPulsão, retroTrair, retroVenda, retroVisor, etc.

Palavras com o prefixo sub-: subCategoria, subChefe, subDelegacia, subDiretoria, subFace, subFaturar, subGênero, subJacente, subLinha, subLocar, subMamário, subMundo, subNutrir, subPrefeito, subTérreo, subTítulo, subVerbete, etc.

Palavras com o prefixo supra-: supraCitado, supraDito, supraDivino, supraJacente, supraMundano, supraNacional, supraNormal, supraPartidário, supraTerrâneo, supraVersão, etc.

Ratificamos então, o que afirma Silva (2009a) sobre a estratégia da exclusão, ou seja, se o segundo elemento do composto não começar por VOGAL, H, R OU S, a palavra grafa-se junto sem hífen, conforme corrobora a lista supracitada em que as letras (fone-

mas) do segundo elemento do composto foram destacadas em negrito, sublinhadas e em caixa-alta justamente para chamar a atenção quanto a esse pressuposto.

A partir dessa análise, por inferência, temos a estratégia da *EXCLUSÃO*, aquilo que pode ser inferido a partir do já estudado e por isso excluído. Aquilo com o que não precisamos ocupar nossa memória tentando reter. A exclusão é uma estratégia de grande rentabilidade mnemônica (SILVA, 2007, p. 12). Reiterando: aplicada esta estratégia da *exclusão* ao hífen, podemos concluir que, “*se o segundo elemento do composto não começar por vogal, h, r, s, e não for nenhum dos três casos acima não leva hífen (escreve-se junto)*. Ex: *protomédico, autoconfiança, seminovo, neolatinas*” (SILVA, 2009a, p. 40).

Caso haja algumas palavras que saiam desse escopo vocabular por nós levantado, com certeza elas constituirão casos de exceções das exceções que com o tempo farão parte do arcabouço vocabular do estudioso do assunto.

Passo – guia 5: FUNDAÇÃO

Estudados os compostos da amostragem referentes à estratégia da *EXCLUSÃO*, restaram outros compostos em que o segundo elemento é justamente uma VOGAL, ou H, ou R, ou S, assim segundo Silva (2009a):

Se o segundo elemento do composto começar ou por VOGAL, ou H, ou R, ou S, o composto levará hífen sempre? Não é bem assim, mas há um denominador comum entre os compostos cujo segundo elemento começa por VOGAL, H, R, S. Esses sons podem formar sílaba intermediária. E se isso acontecer a razão do hífen vai se perder.

Dessa forma, conforme salienta Silva (2009a), para que não se perca essa ideia de composição, os elementos dos compostos têm que ser pronunciados cada um com sua integridade fonética, pois essa é a razão de ser do emprego do hífen. Assim temos a estratégia da *FUNDAÇÃO* que é

uma espécie de estratégia redentora que visa encontrar um “denominador comum” explicativo do variado número de casos discriminados. Une o aparentemente estanque. É algo que precisa ser *ABSTRAÍDO*. Está subjacente. Nem sempre pode ser encontrada na linha do texto. (SILVA, 2007, p. 12)

Nessa tentativa de encontrar esse “denominador comum explicativo”, analisemos agora a amostragem de casos em que o segundo elemento do composto começa por uma VOGAL: anti**I**bérico, anti-**I**nflamatório, anti**O**fídico, anti**U**topia; extra-**A**bdominal, extra-**A**lcance, extra**E**mbrionário, extra**E**scolar, extra**O**ficial; semi-**E**ixo, semi**O**ficial, semi-**I**nfantil, semi-**I**nterno, semi**E**specializado, auto**A**cusação, auto**A**judar, auto**E**logio, auto**E**scola, auto**I**gnição, auto**I**nfeção, auto-**Ô**nibus, auto-**O**scilação, intra-**A**rticular, intra**E**specífico, intra**O**cular, multi**A**xial, multi**E**stágio, multi**U**suário, retro**A**ção, retro**O**perante, retro-**O**perante, supra-**A**xilar, supra**E**sternal, supra-**O**rbitário¹² etc.

Observemos que as palavras compostas acima enumeradas, ora são grafadas juntas, ora são grafadas com o emprego do diacrítico. O que temos de notar aí é a regularidade ou não entre esses compostos. Quando a *zona de atrito*¹³ compromete a integridade fonética dos elementos dos compostos, usa-se o hífen, daí começamos a “encontrar um “denominador comum” explicativo do variado número de casos discriminados” (SILVA, 2007, p. 12).

Segundo Silva (2009a, p.41) esse continua sendo um dos grandes objetivos do Acordo (1990), preservar a integridade fonética dos compostos evitando a sílaba intermediária. É importante observar que esse objetivo não está dito em nenhum momento no Acordo (1990), essa explicação é sugerida por Silva (2009) para dar aos estudantes da língua portuguesa um norte no estudo do hífen. O Acordo Ortográfico (1990) propõe três recursos para evitação da formação da sílaba intermediária¹⁴.

RECURSO 1: homofobia gráfica¹⁵

¹² Destacamos em negrito a letra inicial – neste caso uma vogal – do segundo elemento de cada composto para facilitar a visualização da “zona de atrito” (v. nota nº 13).

¹³ Zona de atrito, segundo Silva (2009, P. 41), é aquela que se situa entre a última letra (som) do primeiro elemento e a primeira letra (som) do segundo elemento do composto.

¹⁴ Destacaremos a seguir cada recurso apresentado através de uma espécie de subtítulo para facilitar a visualização e localização espacial no texto.

¹⁵ Homofobia Gráfica termo utilizado pela metodologia das estratégias mnemônicas (SILVA, 2009, p. 42) para fazer relação com o já conhecido. Isso facilita a retenção da regra proposta pelo Acordo (1990).

O primeiro recurso, segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), Base XVI §1º alínea b, emprega-se o hífen *nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento*. Assim usamos o diacrítico para separar os elementos das palavras que possuem na *zona de atrito* VOGAIS IGUAIS, como os exemplos da nossa amostragem: ant**I**-**I**bérico, ant**I**-**I**nflamatório, extr**A**-**A**bdominal, extr**A**-**A**lcance, sem**I**-**I**nfantil, sem**I**-**I**nterno, supra-**A**xilar, auto-**O**scilação, intra-**A**rticular, retro-**O**perante, auto-**Ô**nibus etc.

Esse primeiro recurso também inclui o uso do hífen quando ocorrer do primeiro elemento terminar com mesmas consoantes (som) que iniciam o segundo elemento do composto (Acordo, 1990, Base XVI, §1º alínea c), como exemplo, podemos citar as palavras do próprio texto do Acordo (1990): *circu**M**-**M**urado*, *circu**M**-**N**avegação*¹⁶, *pa**N**-**N**egritude*; e também outras do prefixo sub- já citado, como *su**B**-**B**ase*, *su**B**-**B**loco*. Segundo a estratégia mnemônica da *Fundação SILVA* (2009) chama este recurso de “*homofobia gráfica*”. É importante observar que o uso do hífen para separar vogais e consoantes iguais tem por objetivo evitar a formação da sílaba intermediária, pois caso esse hífen não fosse usado, um dos sons não seria proferido.

Vejam agora em nossa amostragem os exemplos de compostos em que o segundo elemento começa pela consoante *h*¹⁷: ant**I**-**H**emorrágico, ant**I**-**H**erói, ant**I**-**H**igiênico, extr**A**-**H**umano etc. Em todos estes compostos para preservar a integridade fonética de seus elementos empregou-se o hífen conforme adverte a Base XVI, §1º alínea a do Acordo de 1990, emprega-se o hífen “*nas formações em que o segundo elemento começa por h*”, evitando assim a formação da sílaba intermediária, conforme salienta Silva (2009). Também é importante observar que o H ocorre em português dois contextos: 1) início absoluto de palavras. Ex: super-homem. Para que ele se man-

¹⁶ Circum-navegação – este composto leva hífen porque o primeiro elemento termina com o mesmo fonema – das letras *m/n* – que inicia o segundo elemento.

¹⁷ Segundo Houaiss (2009), H - Letra que não representa nenhum som (*hélio*, *haver*) e que participa da formação de dígrafos: *ch* para a consoante fricativa côncava palatoalveolar surda (*chave*), *nh* para a consoante nasal palatal (*ninho*) e *lh* para a consoante lateral palatal (*falha*); pode representar aspiração em palavras interjetivas ou onomatopaicas (*hum*, *hã*);

tenha em início absoluto não se pode juntar o r de super com o h de homem, temos que usar o hífen. Isso evita a formação de sílaba intermediária. 2) depois de c, l, e n formando um dígrafo, ch, lh, nh. Se não pusermos o hífen entre, por exemplo, mal-humorado a palavra será se pronunciará “malhumorado”. E isso formará uma sílaba intermediária mascaradora da integridade fonética dos compostos.

RECURSO 2: *heterofilia gráfica*¹⁸

No segundo recurso, temos que analisar as palavras compostas em que o segundo elemento possui a VOGAL DIFERENTE das que terminam o primeiro elemento, que da nossa amostragem são as seguintes: ant**IO**fídico, ant**IU**topia, extr**AE**mbrionário, extr**AE**colar, extr**AO**ficial, sem**IE**ixo, sem**IO**ficial, sem**IE**specializado, aut**OA**cuação, aut**OA**juda, aut**OE**logio, aut**OE**scola, aut**OI**gnição, aut**OI**nfecção, intr**AE**specífico, intr**AO**cular, mult**IA**xial, mult**IE**stágio, mult**IU**suário, retr**OA**ção, retr**OA**tivo, supr**AE**sternal, supr**AO**ritário essas palavras têm a regularidade de serem grafadas *sempre juntas*, assim explica o texto do Acordo de 1990, Base XVI § 2º alínea b, não se emprega o hífen “nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal diferente, prática esta em geral já adotada também para os termos técnicos e científicos”. Com isso o Acordo percebeu que juntar as vogais diferentes não forma sílaba intermediária, assim temos na estratégia mnemônica da Fundação SILVA (2009) este recurso da *heterofilia gráfica*.

RECURSO 3: duplicação do r e do s

Por fim temos os exemplos da amostragem em que ainda não demos uma explicação plausível para que esses compostos sejam grafados juntos, ou seja, sem o uso do diacrítico. Os exemplos da amostragem são os seguintes: anti**RR**ábico, anti**RR**eligioso, extra**R**-Regulamentar, semi**RR**acional, autorradiografia, auto**RR**egeneração, auto**RR**espeito, intra**RR**acial, mini**RR**etrospectiva, multi**RR**acismo, supra**RR**enal, anti**SS**atélite, extra**SS**ensível, semi**SS**intético, auto**S**-Serviço, auto**SS**uficiência, auto**SS**ugestão, , intra**SS**ecular, intra**SS**u-

¹⁸ Heterofilia Gráfica termo utilizado pela metodologia das estratégias mnemônicas (SILVA, 2009, p. 42) para fazer relação com o já conhecido. Isso facilita a retenção da regra proposta pelo Acordo (1990).

ave, miniSSaia, miniSSérie, miniSSubmarino, multiSSuave, retroS-Seguir, supraSSegmentado, supraSSumo . Em todos estes, quando o segundo elemento começa por *r* ou *s*, percebemos que ocorre um dígrafo, ou seja, dobraram-se as letras *r* e/ou *s*. Assim temos o terceiro recurso para evitar a sílaba intermediária, no texto do Acordo (1990), Base XVI, §2º alínea *a*:

Não se emprega, pois, o hífen: nas formações em que o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por *r* ou *s*, devendo estas consoantes duplicar-se, prática, aliás, já generalizada em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico.

Com esses três recursos, aqui destacados, contemplados pela estratégia mnemônica da *Fundação* (SILVA, 2009a), percebemos uma economia do número de diacríticos providenciada pelo AOLP que veio simplificar a ortografia quanto ao uso do hífen.

Passo – guia 6: SUCATA MNEMÔNICA

Quanto às estratégias mnemônicas, resta agora apresentar apenas uma, a sétima: SUCATA MNEMÔNICA, *aquele resíduo que infelizmente sobra e tem que ser retido* (SILVA, 2007, p.12). Neste caso chamaremos de *Sucata Hifênica*, pois são resíduos que dizem respeito ao emprego do hífen.

Esse resíduo não se pode ignorar, ele foi lembrado no texto do Acordo de 1990 nas três Bases referentes ao hífen através de observações. A explicação desses resíduos se pauta no uso. O uso tem sido a justificativa para esses casos que soam como a exceção. É importante observar também quanto à estratégia da *sucata mnemônica* que todas as ciências, sejam elas exatas ou humanas, sempre deixam um compartimento reservado para as inevitáveis margens de erro que fatalmente ocorrem na análise dos fatos. A esse respeito podemos citar o texto abaixo que mostra como esse processo residual se dá. O importante é observar que ao longo do tempo esse resíduo tem sido descartado por não soar como representativo e porque o cientista “protege” sua teoria. Muitas vezes o valor trabalhado com uma pequena margem de erro pode levar a resultados importantes para a continuidade da pesquisa:

Já foi demonstrado (WASON, 1968) que na vida real tem sido sempre mais atraente justificar nossas hipóteses na construção das teorias, em vez de tentar refutá-las. Logicamente, a melhor forma de tratar uma

teoria é tentar encontrar contraexemplos ou exceções, mas essa maneira mais lógica e racional é pouco usada nas pesquisas científicas. O cientista protege sua teoria!

Alguns exemplos específicos podem ser citados. O estudo de Holton sobre Millikan e Ehrenhaft (1980, p.50) mostra isso. Por volta de 1910, Millikan e Ehrenhaft estavam interessados em medir a carga do elétron. Millikan seguiu a predição de Rutherford quanto ao valor provável da carga, "descartou a parte de seus resultados que mostravam desvio do valor provável". Esses resultados, ele deve ter pensado, são produto de erro. Ehrenhaft, por outro lado, tentando tarefa semelhante, viu-se com uma massa de informações conflitantes. Registrou *tudo*, mesmo os dados que podem ter sido resultado de erro: estava sendo meramente um anotador objetivo dos fatos, mas seus resultados levaram à confusão. A conclusão "honestas" de Ehrenhaft levou-o a crer que havia partículas que carregavam o dobro da carga do elétron, bem como partículas que carregavam cargas menores, até um milésimo daquela do elétron. "Suas conclusões não levaram a nada, simplesmente à confusão". O valor de Millikan, "trabalhado" para dar "um erro de menos de um por cento, foi útil como base para outros cálculos da Física atômica". Ehrenhaft morreu na obscuridade; Millikan recebeu o Prêmio Nobel (HOLMES, 1983). (SILVA, 2007, p.13)

Para ilustrar, vejamos então 5 (cinco) das observações contidas no texto do Acordo de 1990 referentes ao uso do hífen nos compostos, locuções, encadeamentos vocabulares e nas formações por prefixação, recomposição e sufixação.

1ª) Observação da Base XV, § 1º:

Obs.: Certos compostos, em relação aos quais se perdeu, em certa medida, a noção de composição, grafam-se aglutinadamente: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedistas etc.¹⁹

Pelo que podemos constatar no sistema ortográfico da língua portuguesa, no que sustenta o presente Acordo de 1990, esse caso de que trata a observação acima corresponderia aos chamados *compostos por excelência*, ou seja, fariam parte da *estratégia mnemônica* do REGRÃO (SILVA, 2009a), pois duas palavras se juntaram e formaram uma terceira com significado diferente daquelas que a formaram. Ressalte-se, portanto que, como foi mencionado anteriormente, o Acordo Ortográfico justifica a não colocação do hífen nesses compostos pela perda de noção *composição gerada pelo uso*.

¹⁹ Através do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), a partir da edição de 2009, poderemos arbitrar quanto as palavras que se incluirão neste caso.

2ª) Observação da Base XV, § 2º:

Obs.: Os outros topônimos/ topônimos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem hífen: América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta etc. O topônimo/ topônimo Guiné-Bissau é, contudo, uma exceção consagrada pelo uso.

A segunda observação presente na mesma base trata de exceções, conforme diz o próprio texto do Acordo. Como se sabe, os topônimos também fazem parte daquela regra em que dois ou mais vocábulos se juntam para formar uma terceira palavra com sentido diferente daquelas que se uniram. No entanto, o Acordo suprime o hífen de tais topônimos, justificando tal supressão através do uso. É também o uso o argumento usado pelos legisladores do Acordo para a manutenção do hífen no topônimo Guiné-Bissau, conforme a observação acima.

3ª) Observação da Base XV, § 4º:

Obs.: Em muitos compostos, o advérbio “bem” aparece aglutinado com o segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte: benfazejo, benfeito, benfeitor, benquerença etc.

Essa é outra observação que considera o uso para justificar a exceção, o resíduo, denominado por Silva (2009a) de SUCATA MNEMÔNICA. Este caso em nossa metodologia das estratégias mnemônicas estaria inserido na UNIVERSALIZAÇÃO.

4ª) Observação da Base XVI, § 1º, alínea a:

Obs.: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos “des-” e “in-” e nas quais o segundo elemento perdeu o “h” inicial: desumano, desumificar, inábil, inumano etc.

Nesta observação mais uma vez é justificada a exceção pelo uso. O h em português é uma consoante muda. Na verdade, ele é apenas um símbolo etimológico. Por conta da sua mudez consonântica, o uso o foi suprimindo e isso acontece principalmente com os prefixos “des-” e “in-”, conforme observação acima.

5ª) Observação da Base XVI, § 1º, alínea b:

Obs.: Nas formações com o prefixo “co-“, este aglutina-se em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por “o”: coobrigação, cocupante, coordenar, cooperação, cooperar etc.

Grafar “co-” e “re-” junto do segundo elemento começado pelas vogais “o” e “e” respectivamente, contraria o espírito do Acordo, como vimos anteriormente, que é o de usar o hífen para separar fonemas idênticos. Na verdade, o prefixo “co-” mesmo no antigo acordo ortográfico, gerava uma série de problemas quanto ao uso do hífen, como salienta Kury (1982):

Ainda mais difícil é uma orientação quanto ao emprego do hífen nos compostos com este prefixo (“co-”). O Pequeno Vocabulário não formula qualquer regra a seu respeito nas “instruções”: limita-se a registrar, com ou sem hífen, os vocábulos dele formados.

Mesmo no antigo Acordo, esse impasse era justificado através do uso. Justificativa essa que, a nosso ver, continua sendo dada para esse único caso de *homofilia gráfica*²⁰ do novo acordo.

Essas observações, ou seja, esses casos de *Sucata Hifênica*, que aparecem no texto do Acordo de 1990, precisam ser memorizados, pois são exceções, casos consagrados pelo uso. A língua portuguesa é um organismo vivo que sempre se insurgirá contra as tentativas disciplinadoras da gramática normativa. É importante que estejamos conscientes desse fato. E não encaremos a impossibilidade de total disciplina da língua como um fato desmotivador, pois como reitera Silva (2009a, p. 46) é:

(...) bom que não consigamos dar cabo de todos os casos. A nossa língua é um organismo com vida própria que não se deixa formatar por completo. Mas com o trabalho de saneamento que buscamos fazer no uso do hífen através da distribuição de seus casos em categorias, mesmo o grupo de exceções pode nos parecer menos espoliativo.

Dessa forma, reiterando o já dito, é importante não ter a ilusão da completude e sim estarmos conscientes de que sempre haverá algo que nos escapará das mãos, isso para que tenhamos sempre o que pesquisar, sempre o que buscar.

Pretendemos ainda nos próximos capítulos: 1) fazer a descrição de cada título das Bases XV, XVI e XVII, abordando os conceitos de compostos, locuções, encadeamentos vocabulares, prefixação,

²⁰ HOMOFILIA GRÁFICA – segundo a metodologia das estratégias mnemônicas, é um recurso em os iguais se unem. No caso dos compostos, quando se aglutinam o primeiro elemento, prefixo, neste caso “co-” e “re-”, terminados com a mesma vogal, “o” e “e”, respectivamente, que também iniciam o segundo elemento do composto, por exemplo, “coocupante” e “reemissão”.

recomposição e sufixação; 2) estabelecer uma comparação pontual entre os tratamentos *molecular* e *molar* de organização de conteúdos com relação a essas mesmas bases sobre o emprego do hífen tendo como *corpus* de estudo o texto do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 e o trabalho realizado por Silva em “*O Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e quejandos*”; 3) aprofundar algumas questões sobre as locuções que perderam o hífen e fazer um levantamento dessas locuções; 4) realizar uma pesquisa de campo para comprovar como a questão do uso e da “intuição” do usuário foram levadas em consideração nas regras propostas pelo Novo Acordo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA Brasileira de Letras. Vocabulário ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. *Escrevendo pela nova ortografia: como usar as regras do novo acordo ortográfico da língua portuguesa*. 2. ed. Instituto Houaiss/ Coord. e assistência técnica de José Carlos Azeredo. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. – 17. reimpressão. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa, 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KURY, Adriano da Gama. *Ortografia, pontuação, crase*. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.

O NOVO acordo ortográfico. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

SILVA, Maurício da. *O fio da meada: acentuação gráfica; hífen; vírgula; crase*. Niterói: Intertexto, 2007.

_____. *O Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e quejandos: acentuação gráfica, o uso do hífen, classe de palavras, período simples, a vírgula, a crase*. Niterói: Intertexto, 2009a.

SILVA, José Pereira da. *A nova ortografia da língua portuguesa*. 2. ed. Niterói: Impetus, 2010.

ZANOTTO, M. S., MOURA, H. M. M; VEREZA, S.; NARDI, M. I. Apresentação à Edição Brasileira de *Metaphors We Live By*. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras, 2002.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Ambiente Virtual de Aprendizagem. Disponível em:
<<http://www.ava-pereira.com.br/ava/>> Acessado em: 25 fev. 2010.

Breve história dos acordos ortográficos da língua portuguesa. Disponível em:
<http://www.ava-pereira.com.br/ava/arquivos/breve_historia_dos_acordos.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2010.

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Disponível em:
<<http://www.cplp.org/>> Acessado em: 09 mar. 2010.

Infoescola: navegando e aprendendo. Disponível em:
<<http://www.infoescola.com/portugues/historia-dos-acordos-ortograficos>> Acessado em: mar. 2010.

Portal Da Língua Portuguesa. Disponível em:
<<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=acordo>> Acesso em: 8 mar. 2010.

Revista Lusófona De Educação. Disponível em:
<http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S164572502009000100011&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 mar. 2010.

SILVA, Maurício da. *A origem mitológica do hífen*. Disponível em:
<http://profmauriciodasilva.pro.br/pdf/A_origem_mitológica_do_hífen.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2010.

_____. *Atitude MOLAR X Atitude MOLECULAR: duas formas de organizar conteúdos em geral*. Disponível em:

<http://www.profmauriciodasilva.pro.br/pdf/molar_x_molecular.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2009b.

_____. *Linguagem figurada e construção científica do significado*. Disponível em:

<http://www.profmauriciodasilva.pro.br/pdf/linguagem_figurada_e%20construcao_cientifica_do_significado.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2009c.

Wikipédia: ortografia.wikipedia: a enciclopédia livre. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Ortografia#Regras_ortogr.C3.A1ficas_na_Wikip.C3.A9dia>. Acesso em: 20 mar. 2010.